

Literatura em minha casa

Quem conta um conto?

"Poucas vezes a criança-ledora terá a oportunidade de ler e apresentar à sua família uma constelação de autores como os reunidos em *Quem conta um conto?*, da coleção **Literatura em Minha Casa.** Num único volume, o bem escrever de Ana Maria Machado, a crítica aguçada de Ruth Rocha, a irreverência e o humor de Sylvia Orthof, as personagens bem desenhadas, a sensibilidade envolvente de Flávio de Souza, a linguagem terna, carinhosa e aguçada de Cristina Porto."

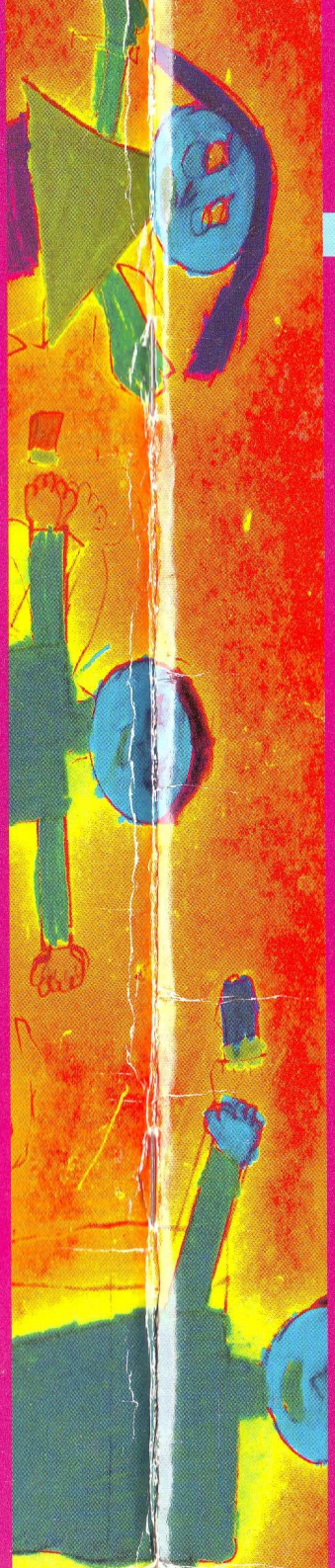
FANNY ABRAMOVICH

ISBN 85-322-4808-X

9 788532 248084

13404702

FTD



Literatura em minha casa

VOLUME 2 CONTOS

Quem conta um conto?



Ana Maria Machado
Cristina Porto
Flávio de Souza
Ruth Rocha
Sylvia Orthof

FTD

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FNDE
Biblioteca da Escola

Copyright © Ana Maria Machado, Cristina Porto,
Flávio de Souza, Ruth Rocha, Sylvia Orthof, 2001
Todos os direitos de edição reservados à
EDITORA FTD S.A.
Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 (Bela Vista) São Paulo – SP
CEP 01326-010 – Tel. 0xx11 3253-5011 – Fax 0xx11 3284-8500 r. 282
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
Internet: http://www.ftd.com.br
E-mail: projetos@ftd.com.br

Editora	Ceciliany Alves
Editora assistente	Miriam Chinalli
Preparadoras e revisoras de texto	Elvira da Rocha Kurata Jane dos Santos Coelho Taniguchi Márcia Aparecida F. Anjo Maria Clara Barcellos Fontanella Regina Gimenez
Editora de arte	Glair Alonso Arruda
Projeto gráfico	Sheila Moraes
Capa	Sheila Moraes, a partir de desenho de Caio Teixeira Chinali
Ilustrador	Ricardo Dantas
Diagramadores	Sheila Moraes Oséias Dias Sanches
Assistente de produção	Vânia Aparecida dos Santos
Digitadora	Maria Lamano
Editoração eletrônica Coordenação	Carlos Rizzi Reginaldo Soares Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quem conta um conto? : conto / Ana Maria Machado . . . [et al.] ; ilustrações de Ricardo Dantas. – 1. ed. – São Paulo : FTD, 2001. – (Coleção literatura em minha casa ; v. 2)

Outros autores: Flávio de Souza, Ruth Rocha, Cristina Porto, Sylvia Orthof

1. Contos brasileiros – Coletâneas – Literatura infanto-juvenil I. Machado, Ana Maria. II. Rocha, Ruth. III. Gostkorzewicz, Sylvia Orthof. IV. Souza, Flávio de. V. Porto, Maria Cristina Martins. VI. Dantas, Ricardo. VII. Título. VIII. Série.

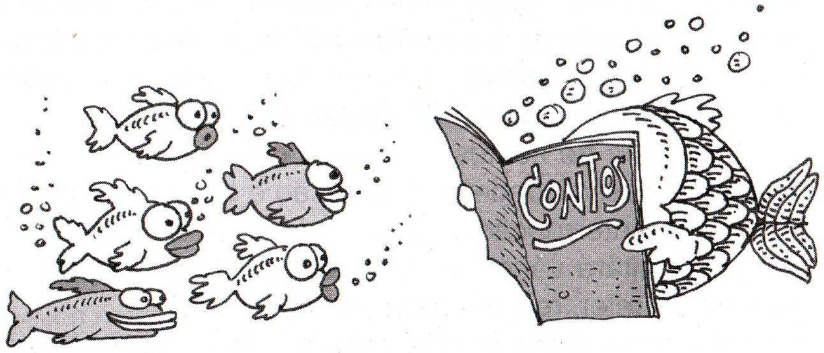
01-5124 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático
1. Antologias : Contos : Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Contos : Antologias : Literatura infanto-juvenil 028.5

ISBN 85-322-4808-X

Ler em família

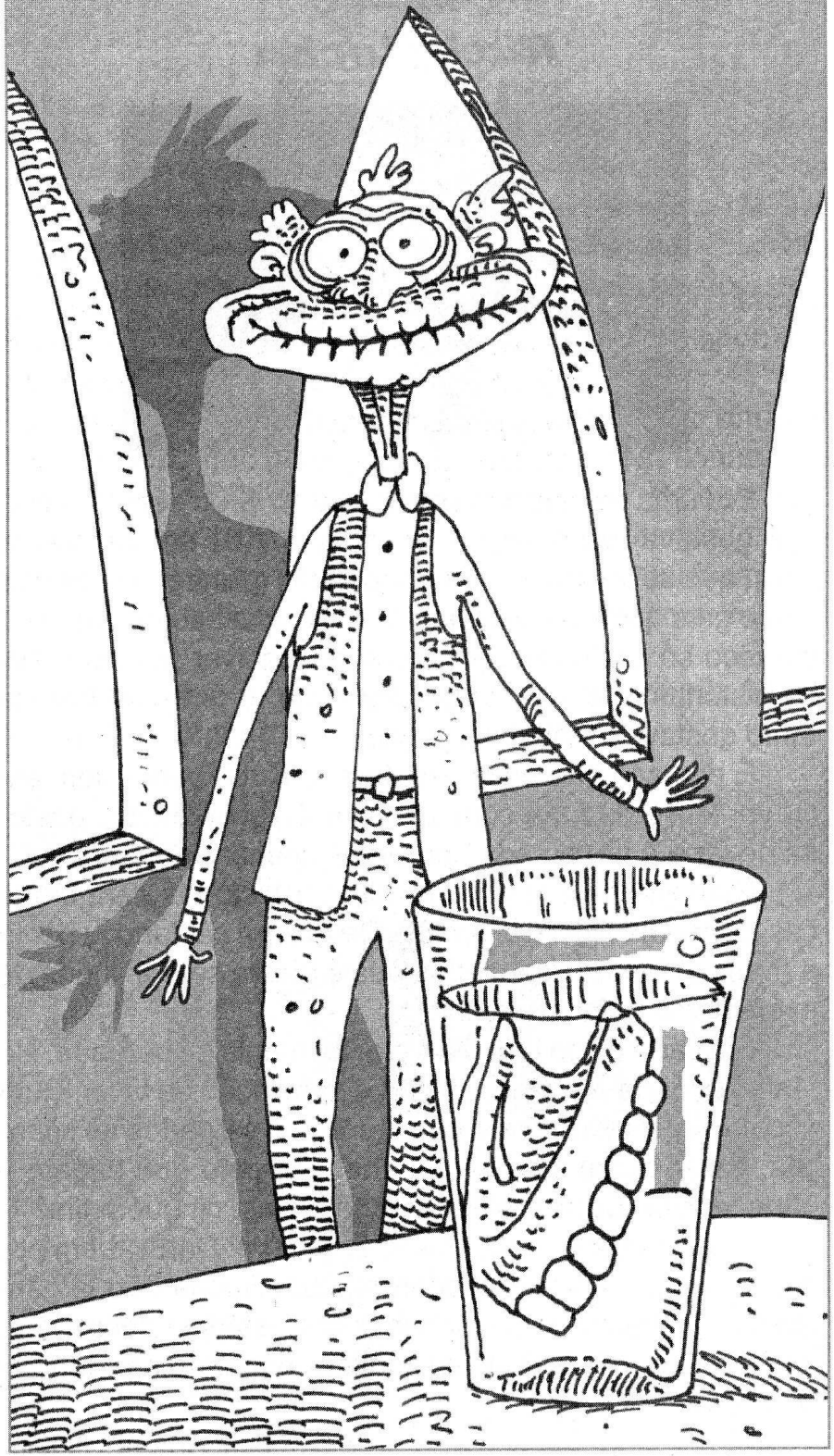
Fanny Abramovich



Poucas vezes a criança-leitora terá a oportunidade de ler e apresentar à sua família uma constelação de autores como os reunidos em *Quem conta um conto?*, da Coleção Literatura em Minha Casa, proposta pelo Ministério da Educação. Os melhores, os mais aplaudidos, os mais premiados autores da literatura infantil brasileira contemporânea.

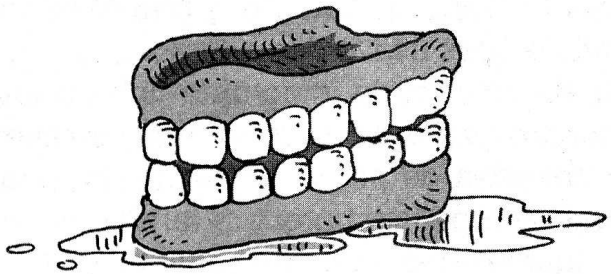
Num único volume, o bem escrever de Ana Maria Machado, a crítica aguçada de Ruth Rocha, a irreverência e o humor de Sylvia Orthof, as personagens bem desenhadas, a sensibilidade envolvente de Flávio de Souza, a linguagem terna, carinhosa e aguçada de Cristina Porto.

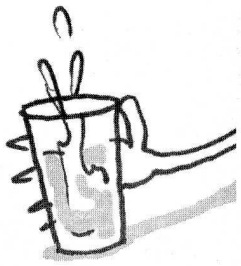
Em todos os contos, são colocadas nitidamente as relações familiares. A separação amigável dos pais, os ciúmes da nova namorada-bruxa do pai e o casamento deles (**Beijos Mágicos**), os preparativos em casa para um



O Bisavô e a Dentadura

Sylvia Orthof





Eu ouvi esta história de uma amiga, que disse que isso aconteceu, de verdade, em Montes Claros, Minas Gerais.

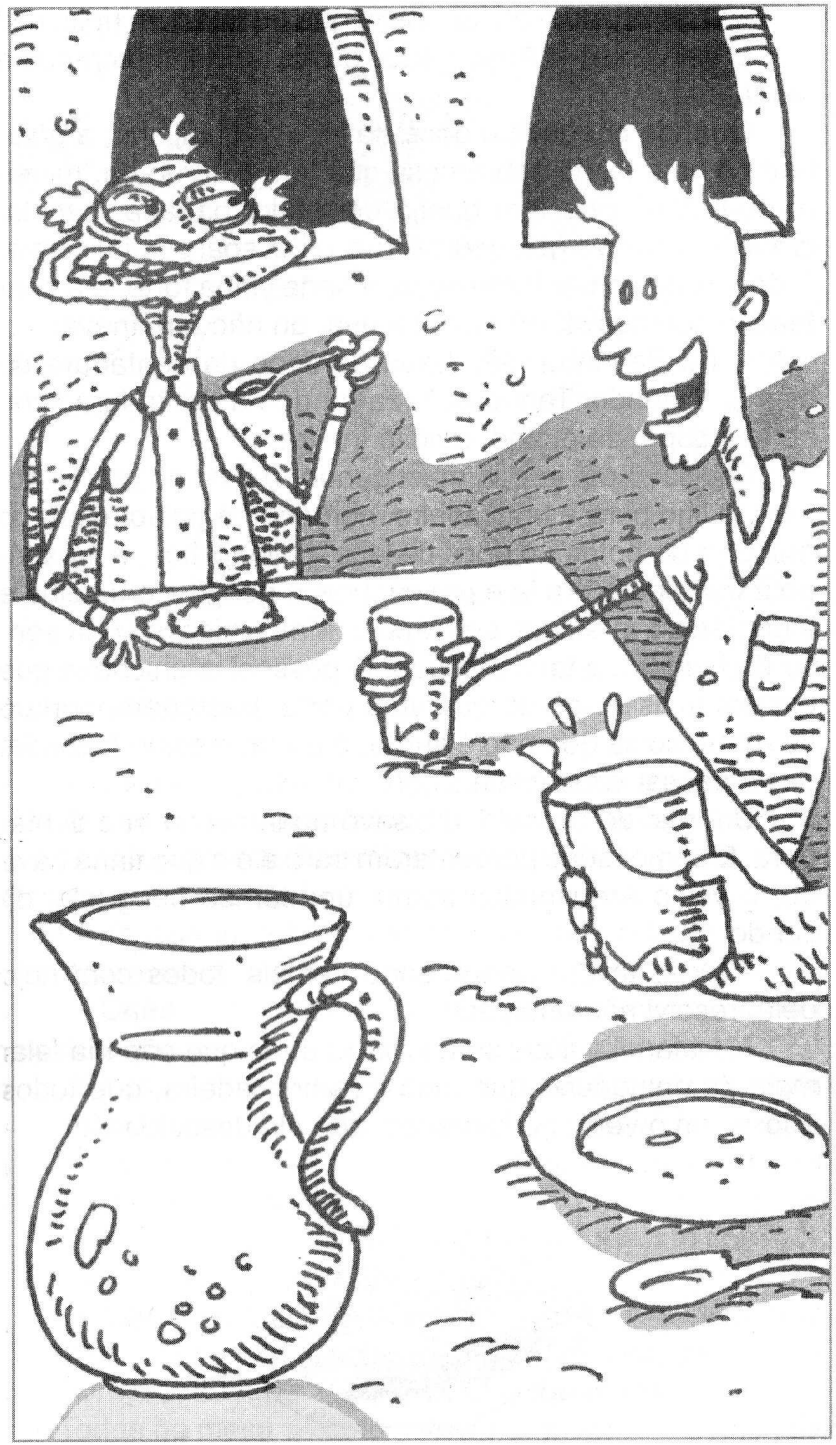
Para contar a história, é preciso imaginar uma velha fazenda antiga. Dentro da fazenda, uma vetusta (socorro, que palavrão!) mesa colonial, muito comprida, de jacarandá, naturalmente. Em volta da mesa, uma família mineira. Por cima da mesa, tudo que mineiro tem direito para um bom almoço: tutu, carne de porco, lingüiça, feijão-tropeiro, torresminho, couve cortada bem fina... e eu nem posso descrever mais, porque já estou com excesso de peso, só de pensar: hum, que delícia!

A família era enorme e comia reunida, em volta da toalha bordada: pai, mãe, avó, avô, filhos, netos, sobrinhos, afilhados, a comadre que ficou viúva, a solteirona que era irmã da avó da Mariquinha... e o bisavô Arquimedes. O bisavô Arquimedes usava dentadura.

Naturalmente, cada integrante tinha à sua frente o seu saboroso prato de tutu, couve, torresmo, feijão-tropeiro, carninha de porco, lingüiça, etc. e tal. E todos mastigavam e repetiam porque a fartura, ali, em Montes Claros, naquele tempo, era um espanto, de tanta! E cada um, evidentemente, tinha o seu copo. Pois os copos e o bisavô Arquimedes, diariamente, sofriam a seguinte brincadeira:

– Toninho, ocê vai beber desse copo aí, na sua frente? Olha que o bisavô deixou a dentadura dele de molho, bem no seu copo, Toninho, na noite passada!

– Num foi no meu, não: foi no copo da Maroca! O bisavô deixou a dentadura dentro do copo da Maroquinha!



– Ó gente, num brinca assim que eu fico cum nojo, uai!

O velho bisavô Arquimedes ouvia, sorria, mostrando a dentadura.

Quando chegava o doce de leite, o queijinho, a goiabada e uma tal de sobremesa que tem o nome de "mineiro-de-botas", que tem queijo derretido, banana, canela, cravo, sei lá mais que gostosuras, o pessoal comia, comia. E depois de comer tanto doce, a sede vinha forte, e a chateação começava, ou recomeçava, ou não terminava:

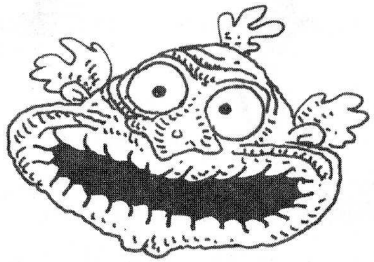
– Tia Santinha, não beba do copo da dentadura do bisavô, cuidado! Tenho certeza de que a dentadura ficou no seu copo, de molho, a noite inteira!

O bisavô ouvia e ia mastigando, o olhinho malicioso, nem te ligo para a brincadeira, comendo a goiabadinha, o "mineiro-de-botas", o doce de leite, o queijinho... e mexendo a dentadura pra lá e pra cá, pois a gengiva era velha e a dentadura já estava sem apoio. Mas o bisavô tinha senso de humor... e falava pouco. O pessoal cochichava que ele era mais surdo do que uma porta. Bestagem, porque se existe coisa que não é surda, é porta: mesmo fechada, deixa passar cada coisa...

Um dia, de repente, o bisavô apareceu sem a dentadura. E como todos perguntaram para ele o que tinha havido, o velho Arquimedes sorriu, um sorriso banguela, dizendo:

– Ocês tavam perturbando demais, todos com nojo dela, resolvi não usar, uai!

Aí, a família ficou sem jeito, jurando que não iria falar mais da dentadura, que tudo fora brincadeira, que todos adoravam o velho Arquimedes, que ele desculpasse.





– Tá desculpado, num tem importância. Eu já tava me aborrecendo com a história, mas tão desculpados. Mas até que tô achando bom ficar banguela: vou comer tutu e sopa... e doce de leite mole, ora!

A família insistiu, pediu perdão, mas o bisavô botou fim à conversa, dizendo:

– Ocês num insistam. Resolvi e tá resolvido. O dia que eu deixar de resolver, boto a dentadura outra vez!

E passaram-se vários dias. Ninguém mais fazia a brincadeira do copo. De vez em quando, o bisavô lembrava:

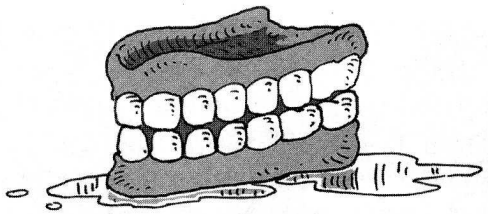
– Tô sentindo falta...

– Da dentadura, bisavô?

– Não, da traquinagem de ocês... ninguém tá com nojo de beber água do copo, né?

– Ora, o senhor não deve levar a mal, foi molecagem, a gente não faz mais, pode usar a dentadura, bisavô.

Um dia, de repente, o bisavô voltou a usar a dentadura. Todos na mesa se cutucaram e começaram a rir, muito



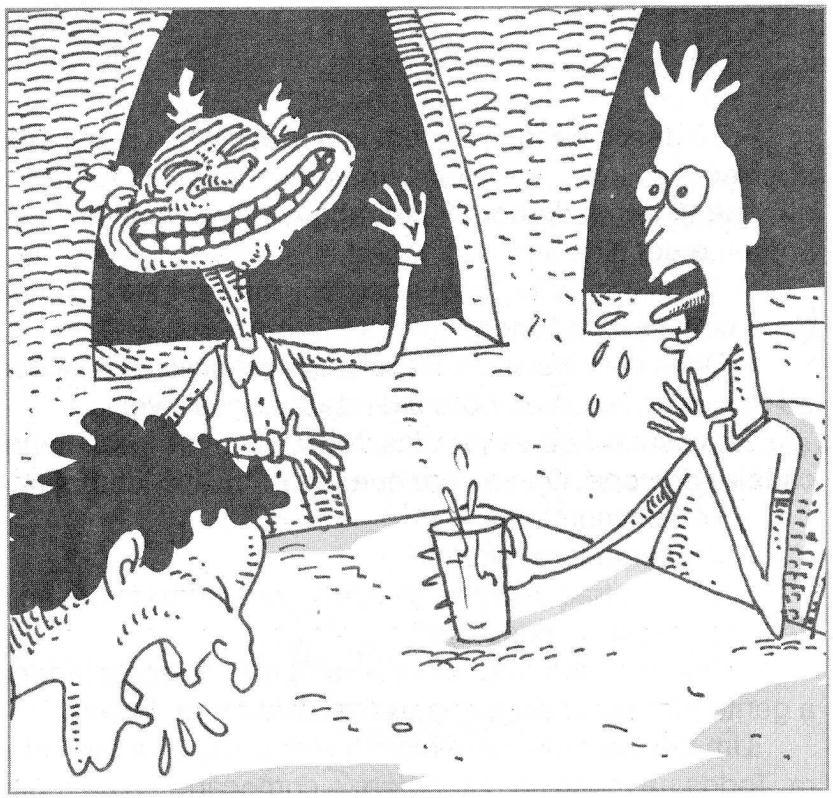
disfarçado, quando bebiam água, pensando... sem dizer, pois haviam prometido.

Depois da sobremesa, boca pedindo água depois de tanto doce caseiro, o velho Arquimedes disse:

– Ocês tão bebendo tanta água, sem nojo...

– Bisavô, era brincadeira!

– Eu também fiz uma brincadeira: durante todo esse tempo que fiquei banguela, minha dentadura ficou de molho, dentro do filtro!



Quem é Sylvia Orthof

Sylvia Orthof nasceu no Rio de Janeiro. Fez parte da Escola de Arte Dramática do Teatro do Estudante. Começou a atuar no teatro aos quinze anos. Morou dois anos em Paris, onde, além de cursos de mímica, desenho, pintura e arte dramática, fez um curso de teatro, novidade na época, que propunha aos alunos uma nova arte de representar. Após dois anos, Sylvia volta para o Rio e se profissionaliza no teatro. Tempos depois, muda-se para São Paulo e começa a atuar no Teatro Brasileiro de Comédia e na TV Record, que, na época, apresentava telepeças ao vivo. Novamente de mudança, dessa vez para Nova Viçosa, sul da Bahia, uma pequena aldeia de pescadores, desenvolve com as crianças um teatro de bonecos, confeccionados com o meio de que dispunha: sabugo de milho. Esse contato com as crianças proporciona a Sylvia a descoberta do teatro infantil. De Nova Viçosa, muda-se para Brasília. Em Brasília, leciona teatro na universidade, montando também um teatro universitário. Sentindo falta de textos publicados, escreve peças para serem representadas. Uma delas, *Cristo versus Bomba*, foi mais tarde representada em Paris, na Universidade de Sorbonne. Em Brasília também dirigiu o Teatro do Candanguinho e foi coordenadora do Teatro do Sesi, cujos atores eram selecionados entre os operários. Volta, então, definitivamente para o Rio de Janeiro e continua sua carreira de diretora, produtora e atriz. Nessa época casa-se com Tato, arquiteto, artista plástico e desenhista.

A escritora faleceu em 24 de julho de 1997. Nessa data, a literatura infantil perdeu uma de suas maiores criadoras.